

estratégias lúdicas facilitou o engajamento e tornou o aprendizado mais leve e atrativo. A atuação interdisciplinar fortaleceu a abordagem e ampliou o impacto. Mesmo com acesso à informação digital, o contato direto e humanizado segue essencial para promover a conscientização e atitudes solidárias. A ação foi extremamente significativa, ao possibilitar a aplicação de conhecimentos teóricos e o desenvolvimento de habilidades como comunicação e escuta ativa, fundamentais para uma prática profissional humanizada. Além disso, contribuir na conscientização da população reforçou o compromisso ético e social com a transformação por meio da informação. Ademais, a educação em saúde em espaços públicos é uma estratégia eficaz para ampliar o conhecimento sobre doação de sangue e incentivar práticas solidárias. A continuidade dessas ações, com linguagem acessível e metodologias participativas, deve ser incentivada em parceria com instituições de saúde.

Referências:

AGÊNCIA BRASIL. Quatorze em cada mil brasileiros são doadores regulares de sangue. Agência Brasil, Brasília, 14 jun. 2023. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2023-06/quatorze-em-cada-mil-brasileiros-sao-doadores-regulares-de-sangue>. Acesso em: 27 jul. 2025.

BRASIL. Ministério da Saúde lança campanha para incentivar doação regular de sangue. Brasília: Ministério da Saúde, 12 jun. 2025. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2025/junho/ministerio-da-saude-lanca-campanha-para-incentivar-doacao-regular-de-sangue>. Acesso em: 2 Ago. 2025.

<https://doi.org/10.1016/j.htct.2025.105403>

ID – 2345

ESTUDO COMPARATIVO DO PERFIL E DA EVOLUÇÃO DOS DOADORES DE MEDULA ÓSSEA NO BRASIL E NO CEARÁ A PARTIR DE DADOS DO REDOME

LA Arcanjo, HB Lima MSMD, Helcias, LR Gurgel, AAd Vasconcelos, EAM Braga, ATT Montalvão, MEP Vasconcelos, AMLR Portela, AKA Arcanjo

Centro Universitário Inta (UNINTA), Sobral, CE, Brasil

Introdução: No Brasil, o Registro Nacional de Doadores Voluntários de Medula Óssea (REDOME), coordenado pelo Instituto Nacional de Câncer (INCA), é o principal instrumento para a identificação e convocação de doadores compatíveis. O cenário atual do cadastro reflete o impacto de políticas públicas, campanhas de conscientização e o papel dos hemocentros na captação de voluntários. Apesar do crescimento significativo nos últimos anos, ainda existem desigualdades regionais que podem comprometer o acesso equitativo ao transplante. **Objetivos:** Levantar e analisar dados atualizados do REDOME sobre doadores de medula óssea no Brasil, descrevendo seu perfil e evolução, e comparando-os com a realidade do Ceará. **Material e métodos:** Este é um estudo observacional, descritivo e quantitativo, realizado com base

na análise de um levantamento no Registro Nacional de Doadores Voluntários de Medula Óssea (REDOME) pelo portal do INCA, consultado em agosto de 2025. Analisaram-se o total de doadores no Brasil, distribuídos por região, sexo, raça/cor e faixa etária, além das taxas de representatividade e a evolução do cadastro entre 2010 e 2022. No âmbito estadual, o foco foi o desempenho do Ceará, com dados do HEMOCE. **Resultados:** O Brasil conta com quase seis milhões de doadores de medula óssea cadastrados, o que representa cerca de 2,94% da população. A maioria está concentrada na região Sudeste, seguida pelo Sul e Nordeste. No Ceará, há mais de 237 mil doadores, correspondendo a pouco mais de 21% do total da região Nordeste, com predominância feminina. No perfil geral, as mulheres representam 58% dos cadastros, e a faixa etária mais comum é entre 35 e 39 anos. Em relação à raça, a maioria se declara branca ou parda. Entre 2010 e 2024, o número de doadores no país mais que dobrou, embora tenha havido uma queda nos últimos anos, especialmente devido à pandemia de COVID-19. Mesmo assim, o Brasil permanece entre os maiores bancos de doadores do mundo. O Ceará apresentou variações significativas no número anual de novos cadastros de doadores de medula óssea ao longo do período. O crescimento foi expressivo de 2011 (3.387) até atingir o pico em 2015, com 20.500 registros, o maior valor da série histórica. Após 2015, houve oscilações, mantendo-se acima de 8 mil cadastros anuais até 2020, quando foram registrados 14.078 novos doadores. A partir de 2021, observou-se uma queda acentuada, passando de 12.214 (2021) para 4.054 (2022), seguida de uma recuperação parcial em 2023 (6.848) e 2024 (6.032, dado parcial). Essa redução recente pode estar associada a fatores como o impacto da pandemia de COVID-19, menor mobilização de campanhas e priorização de outras demandas em saúde pública. **Discussão e conclusão:** O Brasil mantém um dos maiores bancos de doadores de medula óssea do mundo, apesar da desaceleração recente causada pela pandemia. No Ceará, após crescimento significativo, houve queda nos cadastros, mas há sinais de recuperação.

Referências:

<https://redome.inca.gov.br/> Calixto, Sara Calixto Alves Moreira Sara, Alves Moreira, and Ana Cláudia Barbosa Honório Ferreira. "OS DESAFIOS E AS PERSPECTIVAS DA DOAÇÃO DE MEDULA ÓSSEA." *Revista Científica Pro Homine* 6.3 (2024): 1-17.

<https://doi.org/10.1016/j.htct.2025.105404>

ID – 978

FENÓTIPO DUFFY NULO E NEUTROPENIA GRAVE: UM ACHADO BENIGNO QUE EVITA EXAMES INVASIVOS

JVS Silva^a, LP Andrade^a, LFF Marins^a, LadPC Lage^b, RdO Costa^a

^a Faculdade de Ciências Médicas de Santos (FCMS), Santos, SP, Brasil

^b Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (HC-FMUSP), São Paulo, SP, Brasil

Introdução: A neutropenia é um achado laboratorial desafiador, pois há a princípio causas benignas e condições potencialmente graves, a depender do valor de neutrófilos, manifestações clínicas e associação ou não com outras citopenias. A depender da experiência médica, pode levar a condutas invasivas como exames medulares, ansiedade e dificuldade para o paciente. Além disto, os valores de referência laboratoriais considerados normais, são baseados em populações de ascendência europeia, o que pode dificultar a interpretação da citopenia. **Descrição do caso:** **Objetivo:** Relatar um caso de neutropenia grave assintomática persistente em adolescente afrodescendente com fenótipo Duffy nulo, discutindo hipóteses diferenciais. **Material e métodos:** Adolescente do sexo masculino, 14 anos, afrodescendente, assintomático e com exame físico sem alterações no momento da avaliação. Sem comorbidades, uso de medicamentos ou histórico de infecções recentes. Foram analisados dois hemogramas completos com intervalo de quatro meses e realizada fenotipagem eritrocitária estendida. O paciente permaneceu assintomático durante todo o seguimento clínico, com exame físico normal. O primeiro hemograma demonstrava Hb de 13,7 g/dL; VCM 90,4 fL; leucócitos 2.710 mm³; neutrófilos absolutos 610 mm³; plaquetas 229.000 mm³ e, exame subsequente demonstrou nadir de neutrófilos 380 mm³, com Hb de 13,2 g/dL; VCM 92,1 fL; leucócitos 2.110 mm³. Na mesma data, a fenotipagem eritrocitária estendida revelou perfil Fy(a-b-), compatível com o fenótipo Duffy nulo. **Discussão:** Este relato demonstra que um paciente afrodescendente, assintomático, com exame físico normal e sem histórico de comorbidades ou infecções, pode apresentar neutropenia grave persistente de origem benigna. Embora a avaliação clínica seja sempre soberana sobre a gravidade, o dado epidemiológico foi imperioso no contexto do diagnóstico diferencial. A ausência de infecção, exame físico de orofaringe e cutâneos normais, ausência de outras citopenias e a não utilização de medicamentos causadores de neutropenia devem sempre ser abordadas na história clínica. No seguimento, hemogramas sequenciais confirmaram a persistência da neutropenia (< 500 mm³), sem alterações nas demais séries, e a fenotipagem revelou o fenótipo Fy(a-b-), característico da Neutropenia Benigna Étnica (NBE). Fisiopatologicamente, essa condição está relacionada à ausência da glicoproteína DARC nos eritrócitos, o que reduz a sinalização por CXCL8 e dificulta a liberação de neutrófilos da medula para a periferia. De relevante, a mãe do paciente conseguiu resgatar hemograma realizado durante quadro possivelmente infeccioso em atendimento de emergência pregresso, aos 8 anos de idade, que demonstrava neutrofilia discreta e desfecho favorável (sem infecção necessitando hospitalização), corroborando com a evolução benigna desta normalidade laboratorial do ponto de vista étnico. Assim, é possível abordagem racional frente a uma citopenia alarmante que se traduziu em NBE. **Conclusão:** Este caso ilustra a importância da condução criteriosa de achados laboratoriais incidentais, especialmente em etnias de risco. O reconhecimento do fenótipo Duffy permitiu um manejo conservador, seguro, pouco invasivo e custo-efetivo.

<https://doi.org/10.1016/j.htct.2025.105405>

ID – 2970

GRAU DE ESCOLARIDADE DE CUIDADORES DE CRIANÇAS COM LEUCEMIA: PERFIL E IMPLICAÇÕES NO CUIDADO

CCVFD Silva, GdS Ferreira, IS Calegari, LOL Spinelli, MC Fonseca, TCC Fonseca

Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), Ilhéus, BA, Brasil

Introdução: A leucemia é um grupo de neoplasias malignas das células hematopoéticas, caracterizada pela proliferação anormal de leucócitos na medula óssea e, frequentemente, no sangue periférico, comprometendo a hematopoiese. No contexto pediátrico, seu manejo exige atenção especial, pois limitações físicas, cognitivas e emocionais tornam as crianças mais dependentes de apoio externo para adesão ao tratamento e manutenção da qualidade de vida. Cuidadores – geralmente pais ou responsáveis legais – têm papel central, mediando a relação com a equipe de saúde, garantindo a terapêutica, monitorando complicações e oferecendo suporte emocional, fatores que influenciam diretamente o prognóstico. **Objetivos:** Este estudo analisa a relação entre o nível de escolaridade dos cuidadores de crianças com leucemia e o impacto na qualidade do cuidado, identificando como a formação influencia a capacidade de lidar com as demandas do tratamento. **Material e métodos:** Foi realizada revisão sistemática nas bases PubMed e SciELO, com os descritores Educational Status, Caregivers e Leukemia, combinados de diferentes formas. Incluíram-se artigos publicados entre 2020 e 2025, excetuando revisões. Obtiveram-se 617.856 artigos; aplicando os critérios (presença de ao menos dois dos seguintes: cuidadores de pacientes com leucemia, escolaridade dos cuidadores e pacientes pediátricos) e exclusão de duplicados, selecionaram-se 10 estudos. Dos 10 artigos, 2 eram qualitativos descritivos e exploratórios, 6 ensaios clínicos randomizados, 1 não randomizado e 1 observacional. A escolaridade variou: em alguns, 53,8% a 77,2% tinham ensino superior; em outros, predominou o ensino médio (40%–57,6%) ou fundamental incompleto (até 25%). Um estudo internacional reportou alto nível educacional em todos; dois não informaram escolaridade e um não abordou o tema. Quanto à renda, observou-se relação direta com escolaridade: um estudo mostrou 61,3% renda moderada, 23,8% alta e 12,5% baixa; em outro, prevaleceram rendas intermediárias/altas. Em países latinos, predominaram baixa renda e escolaridade; no Brasil, 60% tinham renda de 1–2 salários mínimos, 25% de 2–4 e 15% acima de 4, sendo que maior escolaridade associou-se a rendas até 20 salários, embora 63,3% não possuíssem vínculo empregatício. **Discussão e conclusão:** A relação entre escolaridade/renda e cuidado foi pouco descrita. Um estudo apontou maior ansiedade (54,1%–55,6%) e depressão (41,9%–43,1%) entre cuidadores com menor escolaridade; outro relacionou baixo nível educacional a dificuldades de adesão terapêutica, especialmente no uso correto de medicamentos orais. Mais de dois filhos, idade >30 anos e predominância materna no cuidado foram barreiras; acesso a serviços privados associou-se a melhor prognóstico. Idade <30 anos esteve ligada a melhor adesão, e práticas culturais/